

## Reunião Anual das Cátedras do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua no Brasil

Intervenção de S.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação

*Universidade do Estado da Bahia, 14 de junho de 2023*

Magnífica Reitora da Universidade do Estado da Bahia, Professora Adriana Marmorini Lima,

Senhor Embaixador de Portugal no Brasil, Luís Faro Ramos,

Senhor Cônsul-Geral de Portugal em Salvador da Bahia, Jorge Fonseca,

Senhor Secretário de Relações Internacionais da Universidade do Estado da Bahia, Elizeu Clementino

Senhoras e Senhores professores, investigadores, alunos,

Muito obrigado, Magnífica Reitora, por tão bem nos acolher nesta Instituição de referência do Brasil e que tanto tem dedicado ao estudo e investigação sobre a língua portuguesa e sobre as culturas que nela se exprimem.

É da Língua Portuguesa que falo, raiz e cimento da nossa coesão multissecular; uma língua que representa em si mesma um valor, que é nosso dever potenciar, uma língua que possui uma abrangência global, uma língua, acima de tudo, feita de passado e de futuro. Um futuro que só pode ser de franco crescimento, desde logo por motivos de dinamismo demográfico — mas não só —, com forte contributo do Brasil de Angola e de Moçambique.

É por tudo isso que hoje gostaria de **partilhar algumas reflexões convosco** sobre um dos principais ativos de que os Estados de língua oficial portuguesa dispõem para **potenciar, alargar e consolidar** a promoção e a investigação em língua portuguesa, que são **as Cátedras**.



Falemos, pois, dos nossos dois países e de como se podem as Cátedras desenvolver enquanto instrumento potencial para aprofundar o relacionamento bilateral, dentro e fora do Brasil, mas sempre com o Brasil; e falemos também das perspectivas futuras para o investimento público que consubstancia o desenvolvimento das Cátedras promovidas pelo Instituto Camões no Brasil e no Mundo.

[I. Língua nas relações internacionais e na ação externa do Estado]

São temas que fazem sentido hoje e aqui, neste ato pleno de significado em que nos reunimos para refletir sobre a importância **da língua no plano das relações internacionais e da ação externa dos Estados.**

Dizê-lo aqui tem como pressuposto — que isso fique desde já bem claro — uma importante e indispensável conjugação da atividade e interesses de diferentes organismos públicos e privados.

Todas as línguas são, na sua essência, um veículo de comunicação entre pessoas e povos. A nossa vai ainda mais longe: além de veículo de comunicação é igualmente a pedra basilar na construção de uma identidade comum, alicerçada na diversidade dos povos que a falam.

Pensemos um pouco no fascínio que é a nossa língua: nasceu num pequeníssimo território a norte do que é hoje Portugal, dentro de uma comunidade de proporções quase insignificantes.

As vicissitudes da História levaram-na mares fora em frágeis caravelas. Hoje, ela é falada por povos de muitas culturas, bem distintas entre si, cada um com a sua história e sua identidade, dispersos pelos vários continentes, mas todos eles unidos por um estranho cimento chamado língua e que lhes dá uma coesão que espanta o mundo.

E mais espanta o mundo, porque a nós próprios nos espanta, o facto de ter nascido na pequenez e ter hoje uma posição cimeira no sistema mundial das línguas.

Os números são conhecidos, mas nunca é demais recordá-los, pois ilustram bem a globalidade e o pluricentrismo que a caracterizam:

- Língua oficial em 9 Estados soberanos, geograficamente distantes entre si e sem fronteiras contíguas, presente nos 5 continentes;



- Língua predominante no hemisfério sul, atualmente falada por mais de 260 milhões de pessoas – 3,7% da população mundial;
- Língua oficial de países que representam cerca de 3,6% da riqueza total do mundo.

Ou seja, parece não restarem dúvidas de que falamos de uma língua que tem uma forte componente geopolítica, expressa na manifestação de vontades assumida aquando da criação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa ou a de um Instituto Internacional de Língua Portuguesa, que tem por missão promover e difundir o idioma desta nossa «*comunidades*».

Somos uma comunidade de países soberanos, sim, mas uma comunidade que, por isso mesmo, congrega a vontade política de vários centros de decisão em torno de um conjunto de valores partilhados, assentes, desde logo, na língua que a todos é comum, assim conferindo valor político e abrangência global à lusofonia.

A isso acresce que a natureza político-diplomática da língua portuguesa encontra ainda expressão em mais de 3 dezenas de Organizações Internacionais onde já é língua oficial ou de trabalho, desde logo na Organização dos Estados Ibero-americanos, onde o Brasil e Portugal desempenham um papel crucial para a sua afirmação na geopolítica do Atlântico. E não podemos nunca esquecer esse objetivo comum a todos que é tornar a língua portuguesa língua de trabalho nas Nações Unidas,

Assume especial relevo, nesse domínio, a cultura, com apoios e promoção de agentes e criadores culturais lusófonos nos programas ibero-americanos dedicados ao cinema, às artes, aos arquivos ou às bibliotecas.

O **valor político e diplomático** da Língua Portuguesa como instrumento de identidade, de coesão e de afirmação à escala universal, foi reconhecido, potenciado e alavancado para um patamar global, quando, em 2019, o dia 5 de maio foi consagrado como Dia Mundial da Língua Portuguesa pela UNESCO.

Por isto, e pelo **valor que encerra no plano económico**, das **comunidades**, dos Direitos Humanos ou da Cultura, é *matéria* de política externa.



Compromisso assumido no seio da CPLP, a sua promoção constitui um dos eixos centrais da ação externa de Portugal e da diplomacia portuguesa na relação com o mundo, e, claro, com os nossos países parceiros dessa mesma CPLP.

[II - *Cátedras e Universidades enquanto parte integrante da Diplomacia Pública*]

Portanto, e centrando a análise no contexto onde nos encontramos, que papel desempenham as Cátedras e da Universidade no quadro da política externa?

A palavra que melhor poderá responder a esta questão é: “*estruturante*”.

As Cátedras, e por maioria de razão, a Universidade, desempenham um papel *estruturante* no centro nevrálgico da diplomacia pública, e, neste caso particular, para afirmação do eixo Língua de Ciência da língua portuguesa.

A Diplomacia é entendida como meio privilegiado na comunicação entre Estados. Mas a comunicação contemporânea entre Estados envolve, cada vez mais, outros atores da sociedade civil.

Entre estes “novos” atores incluem-se, e de forma cada vez mais recorrente, as Universidades que, à semelhança de outros, mas por maioria de razão, constituem parte do tecido que une as diferentes sociedades e se constituem ou deveriam constituir, ao mesmo tempo, como motor de transformação dessas mesmas sociedades, assim conferindo, por seu turno, maior substância às relações entre Estados.

A Academia, por via, neste caso, das Cátedras, contribui de forma singular para a projeção da Ciência em língua portuguesa, tal como de um quadro valorativo associado à nossa língua e às literaturas e culturas **que nessa língua se plasmam.**

As Cátedras, em especial, aliam três áreas nucleares para a projeção internacional da língua portuguesa como língua de ciência e de conhecimento: **o ensino, a investigação** e a divulgação do conhecimento.

Hoje, como sempre ao longo da história, aliar o conhecimento e a investigação tem por consequência a criação de **valor.**



Este "criar valor" em língua portuguesa assume particular importância se assente, como cumpre que seja, numa estreita parceria entre a Universidade, o mundo empresarial, os agentes culturais e a sociedade civil no país de "acolhimento".

Estas colaborações são cada vez mais contributos importantes para uma relação próspera e duradoura entre Estados.

É isso que confere especial significado e particular missão às Cátedras enquanto unidades orgânicas potenciadoras do **valor da língua** portuguesa.

É este entendimento que motiva o investimento público que tem vindo a ser feito pelo Governo português para a constituição de Cátedras, tanto no Brasil como no resto do mundo.

Tal investimento atribui um lugar central à riqueza gerada pelo conhecimento e importância produzidos em língua portuguesa, porque pretendemos manter a **tendência crescente que se verificou nos últimos anos**, pois consideramos que a aposta na língua portuguesa como Língua de Ciência é ganhadora.

Decorre daqui o aumento do número de Cátedras promovidas pelo Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, que passou de 38 em 2015 para 61 em 2023. Até ao final do ano de 2023 reforçaremos este número, com especial atenção, por exemplo, à Ásia, uma geografia onde existe franco espaço para crescimento neste domínio, e ao Reino Unido.

As redes constituídas pelos titulares das Cátedras, docentes e investigadores conferem maior **abrangência geográfica** à língua portuguesa, vincando a importância de um conceito chave associado cada vez mais à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que é o da *mobilidade*.

Assim, porque não pensarmos em conferir ainda maior **amplitude geográfica** neste domínio de investigação tão relevante, através de parcerias com os nossos parceiros brasileiros em países terceiros?

Se tivermos em consideração algumas das temáticas que são desenvolvidas pelas Cátedras existentes aqui no Brasil, designadamente no âmbito dos estudos luso-afro-brasileiros, encontramos, desde logo, uma larga panóplia de possibilidades a serem exploradas.



Seguramente existirão inúmeras áreas de interesse partilhado, entre académicos e investigadores do Brasil e de Portugal, para o desenvolvimento de projetos de investigação conjuntos em Universidades dos nossos países amigos, ou seja, dos países parceiros da CPLP.

Ou mesmo em países onde o ensino da língua portuguesa ou a investigação sobre ela e suas culturas não sejam ainda expressivos. Porque não?

### *Parceria.*

Parceria deve ser, portanto, uma das palavras-chave que norteia a **tendência futura** na promoção de Ciência e de Conhecimento em Língua Portuguesa, possibilitando, nesse regime, candidaturas mais ambiciosas e em maior número a fontes de financiamento terceiras, tal como o desenvolvimento de projetos mais atrativos para motivar o envolvimento do setor privado neste esforço financeiro, de forma complementar ao insubstituível financiamento público para a promoção do conhecimento.

Mas, para que essas parcerias luso-brasileiras possam continuar a desenvolver-se e a alargar-se, é imperativo continuar o investimento público que até agora tem vindo a ser feito aqui, no Brasil, país que regista o maior número de Cátedras apoiadas pelo Instituto Camões (8) no continente americano, logo a seguir a Itália (13).

Fica ainda um novo desafio, agora que estão reunidas as condições para um trabalho conjunto ainda mais profícuo entre o nosso já mais maduro Instituto Camões e o recém-criado Instituto Guimarães Rosa, onde as sinergias e as oportunidades não podem ser desperdiçadas. Como diz um ditado dos nossos amigos africanos, se quiseres ir rápido vai sozinho, se quiseres ir longe leva companhia. Nós queremos ir longe, juntos e muito longe.

Cumpram ainda destacar, sumariamente, outro importante investimento que em paralelo Portugal tem vindo a fazer, designadamente com a atribuição de **bolsas de estudo** ao abrigo da Cooperação Portuguesa, onde já no ano letivo de 2023/2024 será duplicado o número de novas bolsas para licenciatura e mestrado para os PALOP e para Timor-Leste [*no ano letivo de 22/23 foram atribuídas 64 novas bolsas de licenciatura e mestrado; passam a ser atribuídas 140 no próximo ano letivo*].



Triplicaremos, ainda, o número de novas bolsas de estudo para doutoramento [*no ano letivo 22/23 foram atribuídas 10 novas bolsas para doutoramento; passam a ser atribuídas 30 novas bolsas*].

Fica, pois, o desafio, com algumas reflexões em forma, talvez, de sugestão, com vista a propostas e ideias ambiciosas que visem promover a Língua Portuguesa como Língua de Ciência, no Brasil e no Mundo.

[*III – Cátedras do CICL no Brasil e o racional de continuar este investimento político e financeiro*]

Gostaria de abordar, agora, uma última dimensão, aproveitando este encontro anual das Cátedras do Camões no Brasil, precisamente para valorizar aquele que tem sido o seu percurso.

Antes de mais, sublinho a realização deste mesmo encontro, pela terceira vez, o que, a par do Brasil, apenas acontece em Itália.

Enquadra-se precisamente no registo de *parceria* que há instantes referi e que potencia oportunidades, em especial sendo o Brasil o país onde existe maior diversidade nas áreas de investigação que vão desde os estudos culturais, à literatura ou literaturas, à história, aos estudos linguísticos, às artes, entre outros.

A primeira Cátedra do Instituto Camões no Brasil, a Cátedra Jaime Cortesão, em São Paulo, foi criada em 1991, há 32 anos. A mais recente das 8 cátedras no Brasil, a Cátedra José Saramago, na Universidade Federal do Paraná, foi inaugurada no ano passado (2022). Em 2024, a Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, no Rio de Janeiro, fará 30 anos.

Consintam-me evocar aqui o nome grande associado a essa cátedra desde a sua fundação e nome maior dos estudos de língua portuguesa e das suas literaturas, a Professora Cleonice Berardinelli, desaparecida do nosso convívio há tão pouco tempo. Todas e todos temos para com ela uma dívida imensa que tempo algum poderá pagar.

Permitam-me ainda invocar perante vós, a memória desse nome maior da Língua Portuguesa e sobretudo do pensamento e da reflexão em português, Eduardo Lourenço, cujo centenário celebramos neste ano de 2023, um eterno apaixonado por este país.

Ou seja,



Esta é uma aposta estratégica e de continuidade e cujos resultados, ao longo destas décadas, não apenas justificaram a sua manutenção, como impulsionaram, seguramente, a abertura de tantas outras.

O investimento feito pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros em Cátedras no continente americano fica apenas atrás do investimento feito no continente europeu, **representando praticamente 1/3 de todo o investimento realizado.**

O investimento do Instituto Camões no Brasil tem registado uma tendência crescente. A nossa ambição aponta para que assim continue, de forma sustentada, sendo importante continuar a convocar outros parceiros, públicos e privados, em prol deste objetivo.

Salientaria, ainda, outra particularidade: a existência de uma **Cátedra que é trabalhada por duas Universidades**, designadamente a Cátedra Agostinho da Silva, entre a Universidade de Brasília e Universidade Federal de Uberlândia. Mais um exemplo notório das parcerias passíveis de serem aprofundadas e replicadas.

O sucesso de todo este investimento tem ainda outra razão fundamental, que é o trabalho dedicado de cada responsável por Cátedra, juntamente com as respetivas equipas, tanto ao nível da mobilização de apoios, como na prossecução de complexos projetos de investigação.

A criatividade na capacidade de dinamizar publicamente o trabalho das Cátedras é fundamental não apenas para atrair mais investimento e apoio aos diversos projetos de investigação, como também para valorizar o conhecimento que se adquire.

Com vista a este objetivo, são naturalmente necessários meios e uma estrutura de apoio consistente que permita enquadrar o trabalho desenvolvido num quadro estratégico mais amplo e facilitar o acesso a outros pontos desta rede de Cátedras que pretendemos seja permanentemente reforçada.

O Camões, Instituto da Língua e Cooperação está, de forma permanente, ao vosso serviço para esse efeito e sempre disponível para idealizar novos processos de dinamização com vista a dar maior visibilidade ao trabalho que cada um de vós desenvolve, pois são os principais atores ao serviço desta grande ambição que é a afirmação da Ciência em Língua Portuguesa.





Por isso mesmo, fica aqui o desafio, não do Camões, do Governo de Portugal ou de qualquer instituição, fica uma desafio coletivo que deve partir de todos porque só pode ser concretizado por todos: realizar no próximo ano de 2024, o ano em que celebramos os 50 anos da democracia em Portugal, 50 anos do 25 de abril, em que celebramos também a amizade de todos os povos que se exprimem em português, realizar, como dizia, o primeiro encontro mundial de cátedras do Camões, para que possamos todos ter a oportunidade de trocar experiências e melhorar a promoção, a investigação e o ensino da língua portuguesa.

*[Conclusão],*

Muito nos une: uma história onde, juntos, fizemos largos percursos, nem sempre fáceis; mas em especial uma língua, que é a mesma no Brasil, nas duas costas de África, seja em Angola, Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, seja em Moçambique; no Oriente, em Macau, ou para além dele, em Timor, mas também um pouco por todo o mundo onde chegou e continua a chegar a diáspora em língua portuguesa, sempre em busca de novos rumos.

Une-nos uma língua e as culturas que nela ou através dela se exprimem em todas essas latitudes. Culturas distintas e múltiplas, como distintos e múltiplos são os povos de cujas raízes são a essência.

A língua portuguesa não é a nossa identidade, pois os povos que a falam têm como línguas maternas, além dela, outras línguas que fazem parte das suas raízes, na América, na Ásia, em África.

Mas, sem ser ela mesma, a língua portuguesa, a nossa identidade, faz parte da nossa identidade e é, como no começo desta intervenção disse, o cimento da nossa coesão. Não fora ela e não existiríamos enquanto comunidade de países.

Une-nos uma língua que é a mesma usada por aquelas e aqueles que de forma sublime exprimiram a nossa alma: a língua de Camões é a mesma de Manuel Bandeira ou de Machado de Assis; a língua de Guimarães Rosa ou de Jorge Amado é a mesma de José Saramago;

A língua de Clarice Lispector é a mesma da de Sophia de Melo Breyner. A língua de Fernando Pessoa é a mesma de Drummond de Andrade.



Tomás António de Gonzaga, nascido nos arredores do Porto, jamais teria celebrado como celebrou Marília de Dirceu, se o Brasil não tivesse sido parte grande da sua experiência de vida;

E Gonçalves Dias, esse cantor sublime da alma brasileira, talvez não tivesse cantado como cantou, talvez não tivesse sentido a ausência e a saudade como sentiu, se em Coimbra, em Portugal, não tivesse vivido o longo tempo de afastamento da sua pátria, que lhe permitiu compor a emblemática "Canção do exílio". Nem a Miguel Torga teria sido possível escrever a sua prodigiosa *Criação do mundo*, se não tivesse vivido a dureza da emigração no Brasil, de que tão pouco se fala.

Quando o rei português D. João VI partiu para o Brasil, e quando seu filho, o Imperador D. Pedro, fundador da independência brasileira, regressou a Portugal, mais não fizeram, porventura sem o saberem, do que aprofundar de forma indestrutível os mais sólidos laços de fraternidade de que o mundo tem memória, entre dois povos e muitas culturas, com uma só língua, apesar de serem uma soberania nascida da outra.

Não há outro exemplo assim na História. Exemplo que se replicou dois séculos depois em Angola, em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, em Moçambique, em S. Tomé e Príncipe e em Timor-Leste.

Somos uma multiplicidade de povos, uma diversidade de culturas e literaturas, várias histórias e uma história, uma língua e várias línguas.

A dúvida sobre a exatidão de qual é o **valor, a abrangência e as tendências futuras da língua portuguesa** persistirá.

Mas espero hoje ter conseguido suscitar a vossa reflexão futura sobre como **potenciar, alargar e consolidar** essas mesmas dimensões, especialmente tendo em consideração o importante papel que, cada um de vós, desempenha de forma empenhada para esse fim comum.

O Brasil, país onde desempenham as vossas atividades é, e pode ser ainda mais, um parceiro privilegiado para a afirmação do conhecimento e da ciência em Língua Portuguesa, aqui e no resto do Mundo.

[*Fernando Pessoa*]



*Pelo Tejo vai-se para o Mundo  
Para além do Tejo há a América  
E a fortuna daqueles que a encontram.  
Ninguém nunca pensou no que há para além  
Do rio da minha aldeia.*

Lembremos, a terminar, Jorge de Sena, esse português de Portugal e do Brasil e das Américas e de todo mundo:

*A Pátria de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações nasci.*

Foi nessa pátria, chamada língua portuguesa, pátria de tantos séculos e de tantas culturas, pátria de tantas geografias e tantos povos, pátria de tanta terra e tantas terras, de tanto mar e de tantos mares, foi nessa pátria que todos nascemos e foi nessa pátria que fizemos o nosso destino de sermos tantos, tão diversos, tão dispersos e tão únicos numa única língua.

Está na altura de Brasil e Portugal, também no domínio da língua portuguesa, essa nossa pátria, no domínio da investigação e do conhecimento, irem mais além.

Muito obrigado.